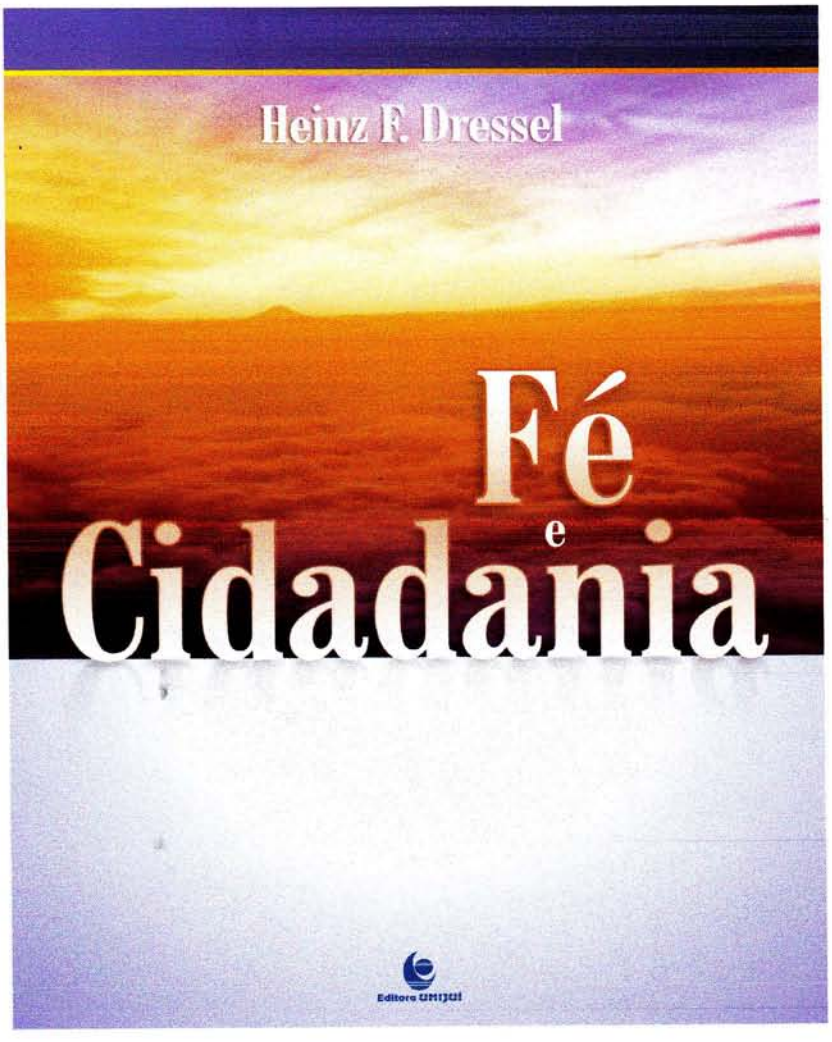

Heinz F. Dressel
Fé
e
Cidadania
Editora Unijuí

Seguem aqui uns parágrafos de textos do livro **Fé e Cidadania** que publiquei no ano de 2006 na Editora Unijuí. O livro foi gentilmente apresentado pelo professor Dr. Walter Frantz. Segue aqui - como introdução de meus textos - a principal parte do teor da introdução do amigo Walter, um dos pioneiros no contexto da fundação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

Apresentação

O escritor sempre revela algo de sua vida por meio das palavras e conteúdos de seus textos, mesmo que não fale de si, diretamente ... O leitor pode encontrar-se com o autor em todos os seus textos, que revelam os lugares sociais de vida do autor. O autor tem uma história de vida marcada pela experiência das relações internacionais, pela convivência com diversas culturas de diferentes países. Dessa valiosa experiência de vida nascem as razões e as motivações de seus escritos.

No início da década de 50 do século XX, o jovem pastor Heinz Friedrich Dressel e sua esposa, a nutricionista Ilse Dressel, chegam ao Brasil, vindos da Alemanha, para dedicar-se a trabalhos de pastoral na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Desde 1952, trabalhando em diferentes comunidades, na região e no Estado, na condição de pastor, desenvolveu uma relação pessoal forte com o Brasil, revelada e testemunhada por muitos de seus textos, os quais ultrapassam a sua missão específica de pastor. Fez-se brasileiro de sul a norte, sempre criando e estabelecendo muitos laços de amizade. Sentindo-se e fazendo-se brasileiro, pelo trabalho e pela cultura, passou a escrever sobre a sociedade brasileira. Desse modo, em muito tem contribuído para com as relações de cooperação e amizade entre os dois povos. Em 1968, retornou a sua terra natal, porém passou a amar o Brasil e o Rio Grande do Sul, retornando sempre que possível, inclusive pela publicação de livros. Uma de suas pontes entre as duas culturas e pelas quais viaja, seguidamente, são suas pesquisas, seus escritos, sobre temas da realidade brasileira.

A sua relação com o Brasil, porém, foi reforçada pelo exercício da função de diretor da Obra Ecumênica de Estudos ÖSW - Ökumenisches Studienwerk e.V. de Bochum, Alemanha), durante um período de 20 anos, de 1972 até 1992. Nesta função, além do importante papel de apoio à formação de muitos mestres e doutores para universidades brasileiras e latino-americanas, o pastor Dressel exerceu também um papel importante, à época, no socorro aos perseguidos políticos.

Com o agravamento da opressão política no Brasil e em muitos outros países dos continentes de origem dos parceiros da Obra Ecumênica de Estudos, esta decidiu acolher perseguidos ou exilados políticos, articulando política e ajuda ao desenvolvimento. Muitos exilados brasileiros, latino-americanos, africanos e asiáticos tiveram a sorte do apoio da Obra Ecumênica de Estudos e puderam, além da liberdade, usufruir da oportunidade de uma formação e qualificação em universidades alemãs e de outros países da Europa. Na condição de responsável pela Obra Ecumênica, o pastor Dressel conseguiu estender ajuda a muitas pessoas perseguidas, politicamente, em diferentes países. Sempre reuniu coragem e forças para lutar pelos direitos humanos, onde quer que estivessem sendo desrespeitados. Sempre que necessário, foi aos lugares e às pessoas envolvidas.

Aqui está uma marca especial de atuação e da personalidade do pastor Dressel. Como humanista e cristão, empenhou-se para a abertura das portas da Obra Ecumênica de Estudos também para quem estivesse em apuros por razões políticas, sem distinção de credo ou convicções ideológicas. Tinha como bandeiras o reconhecimento do direito às diferenças e o respeito à liberdade. Com este objetivo viajou, pelos diferentes continentes e países, em busca da afirmação da liberdade de pensamento e de organização. Com coragem e determinação, aliou a defesa intransigente dos direitos humanos à política de ajuda ao desenvolvimento, à concessão de apoio à formação docente. Assumiu e desempenhou, pode-se dizer, desse modo, uma função de pastor de um rebanho de ovelhas perseguidas, em diferentes países e continentes, incentivando-as a se abrigarem nas universidades, em seus programas de estudo, superando, sempre que possível, os traumas do exílio. Vislumbrou oportunidades de futuro em meio às dificuldades.

Soube olhar em direções múltiplas, respeitando o diverso e lutando pela liberdade onde ela estivesse em falta. Com sua atitude solidária e corajosa, penetrou fundo na alma de todos aqueles que puderam conviver com ele. Marcou vidas, ao abrir caminhos e indicar horizontes.

Os seus escritos, os seus livros, os seus artigos, os seus relatórios de viagem, as suas cartas, as suas visitas, o seu esforço incansável em defesa dos direitos humanos, trazem o exemplo e o compromisso com aquilo que tanto se sonha construir: a liberdade e a justiça social, em toda a dimensão possível e necessária para que o ser humano se complete em seus direitos e deveres.

Não poderia deixar de fazer referência, ainda que mínima, a uma passagem da história do ensino superior brasileiro.

No Brasil, seja por dificuldades econômico-financeiras, seja por opção política ou mesmo por omissão, por parte do poder público, em muitos espaços sociais e geográficos da sociedade brasileira, surgiram diferentes iniciativas não-estatais, apoiadas no marco jurídico constitucional e legal, com a função de promover a educação universitária. Dentre essas iniciativas, nasceu e se estruturou uma organização *nova,* nova em sua natureza, contendo novas forças e novos significados sociais. Nasceu e se desenvolveu a *universidade comunitária e regional,* experiência fundante de uma natureza pública não-estatal.

Essa experiência inovadora no cenário acadêmico brasileiro, contudo, nem sempre encontrou facilidades. No passado, especialmente, deparou-se com dificuldades politicas, somadas aos obstáculos materiais e financeiros. À coragem e à ousadia de se instituir uma universidade, somou-se o constrangimento político, alimentado pelo medo do diverso, do confronto de argumentos, sustentado pelo poder das estruturas tradicionais da economia e da política.

Conforme depoimento do professor Argemiro Jacob Brum,

A Fidene, fiel a sua trajetória histórica e ao seu projeto, rejeitava submeter-se aos ditames do arbítrio instaurado no

país, e buscava afirmar sua independência e autonomia. Os prepostos do regime, não podendo assumir-lhe o controle direto, desenvolviam a estratégia de tolher-lhe os passos, impedir-lhe ou dificultar-lhe a expansão, asfixiá-la, se possível. Era, então, praticamente impossível obter apoios internos substanciais (locais, regionais ou nacionais) para impulsionar com a necessária consistência o projeto assumido, apenas respaldado na sólida coesão institucional (professores, alunos e funcionários).

Foi justamente nesse contexto de dificuldades e incertezas que chegou até nós, qual pomba da esperança, o pastor Dressel, representando a Obra Ecumênica de Estudos, entidade da Igreja Evangélica, da Alemanha, e anunciando a possibilidade de podermos contar com um apoio do exterior.

Graças ao pastor Dressel e seus colegas da ÖSW, firmou-se um convênio entre as duas instituições, que começou a operacionalizar-se a partir de 1972. A ÖSW passou a conceder bolsas de Pós-Graduação a professores indicados pela Fidene, e por ela aprovados, em cursos a serem realizados, quer no Brasil, quer no exterior. Os professores selecionados e contemplados com bolsa da ÖSW assumiam o compromisso moral de, uma vez concluído o respectivo curso, integrar-se efetivamente à Fidene, a fim de ajudar a impulsionar a expansão do seu projeto, esperando-se deles, também, que se engajassem em atividades e ações de promoção humana junto às distintas camadas da população, com prioridade para o desenvolvimento do cooperativismo e associativismo em geral.

Pode-se 'afirmar, com toda a segurança, que a solidariedade e o apoio, vindos da Obra Ecumênica de Estudos e da dedicação do pastor Dressel, foram fundamentais ao sonho e à ousadia na afirmação de um núcleo de reflexão científica e crítica, no distante ponto do tempo e do espaço da história do ensino superior brasileiro, no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A Obra Ecumênica de Estudos ocupa um lugar importante na história do ensino superior da região. Nos arquivos da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e na memória de seus integran tes, está registrada essa cooperação que daria suporte, por muitos anos, inclusive até hoje, à formação de docentes. Tanto a Obra

Ecumênica quanto o pastor Dressel revelam em suas políticas e ações práticas que o desenvolvimento de uma sociedade passa pelo reconhecimento das diversidades e diferenças, pela solidariedade e cooperação decorrentes dessa compreensão do mundo da vida.

Agora, pela senda dessa história de cooperação e amizade, Heinz E Dressel retorna, por meio de diferentes textos, aprofundando o diálogo com todos aqueles que se reconhecem, de alguma forma, em um desses ideais de ecumenismo e convivialidade humana. Dressel se faz presente no cenário da reflexão sobre a sociedade humana, das relações culturais, políticas e econômicas, por intermédio da escrita, tendo como pano de fundo a sua vasta experiência de quem buscou construir pontes entre diferentes visões de mundo e de culturas, ao longo de boa parte de sua vida.

O Os temas escolhidos pelo autor e a elaboração dos textos refletem uma história devida, brotam da trajetória de vida do autor. Revelam os seus caminhos de pastor, de observador e pesquisador, marcados pela palavra falada ou pela escrita. O autor busca comunicar-se, pelos seus textos, a partir de sua experiência de vida. Busca a interlocução, o diálogo, entre pessoas e povos. E, ao fazê-lo, enriquece as relações entre as diferentes culturas e visões de mundo, entre as diversas práticas sociais de convivência humana.

No primeiro texto retorna ao seu núcleo de formação inicial, o campo da teologia, aceitando um diálogo com quem busca entender a problemática da religião. O diálogo se estabelece com um aluno do curso de Sociologia da Unijuí, que busca como tema de conclusão de seus estudos a identidade religiosa da juventude de hoje. O texto é uma excelente reflexão sobre a questão religiosa, que continua a ser uma das grandes questões da vida do ser humano.

O texto sobre o problema da terra e da reforma agrária, no Brasil, além da importância do texto em si, revela muito da vida do autor. Buscar compreender e solidarizar-se com a problemática brasileira sempre foi uma forte motivação para ele. Além disso, o texto da pesquisa sobre a problemática da terra é uma significativa contribuição ao debate histórico da

reforma agrária, no Brasil, especialmente considerando-se que o autor manteve muitos relacionamentos pessoais com políticos e lideranças brasileiras, voltadas à questão. Como tal, constitui-se em texto inédito.

Por fim, porém não em ordem cronológica, o autor trata de uma problemática pouco conhecida, certamente, do leitor brasileiro: a Alemanha nazista e o comportamento de distintos setores da Igreja Protestante no período do governo nazista. O texto é resultado de pesquisas e estudos realizados pelo autor, apresentados em eventos e seminários específicos. O autor oferece ao leitor brasileiro uma rara oportunidade de conhecer aspectos importantes dessa problemática histórica.

Os textos são uma importante contribuição à discussão de diferentes problemáticas, seja do campo da cultura, da economia, da política ou da religião, a desafiar, especialmente, os povos dos países periféricos ou aqueles que sonham com dias melhores para todos. Os diferentes textos devem ser lidos tendo como referência a rica experiência de seu autor, que vai do campo teológico à área da educação, passando pela convivência com complexas e diferentes culturas, ao longo de algumas décadas. Os textos revelam a capacidade de pesquisa e de observação de quem soube aliar diferentes funções em seu lugar de trabalho. Mostram a capacidade do olhar de quem sabe produzir conhecimentos, pela observação crítica do mundo, aliando visões de cultura, de política e de economia. Os textos, portanto, oferecem ao leitor uma excelente oportunidade de interlocução com alguém que vem de uma outra cultura e realidade socioeconômica. Na leitura dos textos está presente uma ponte entre pessoas e culturas. O diálogo de diferentes olhares permite, com certeza, leituras mais significativas e completas de uma realidade.

Professor Walter Frantz Doutor em Sociologia

A origem da religião: animismo e o culto dos ancestrais

De modo geral, pode-se dizer que os povos encontrados nos séculos XVI e XVII na África acreditavam em poderes provindos de um outro mundo, mundo invisível, forças ocultas, causando coisas positivas ou negativas na Terra. Inclusive, pensavam que o poder de seus chefes provinha do mundo do além, um ponto de vista que entrou também na própria Bíblia, na filosofia do Império Romano e na idéia da origem divina da monarquia, por exemplo. Quer dizer: no animismo, acompanhado do culto aos ancestrais em toda aquela mitologia grega e oriental, encontramos também as raízes de nossa própria cultura européia, cristã, ocidental.

Para surpresa dos europeus, que já em meados do século XV chegaram a conhecer parte da África, já existia a idéia de um Deus singular e onipotente, que reinava sobre um par de deuses inferiores. Pe. José Martins Vaz, que atuava em Angola, observou não haver nem um só povo ateísta na África. De modo geral, acreditavam na existência de um Deus onipotente, prima causa de tudo que existia: o Sol, o elefante, o leão, caçava e batata doce. Entre os zulus, o criador chamava-se Unkulukulu, era idêntico ao grande bisavô, sobremaneira respeitado e venerado no culto dos ancestrais. São expressões de um monoteísmo primitivo e, provavelmente, as raízes do culto a um ser supremo cuja veneração se encontra espalhada por toda a África, do Cabo até a África Central.

Enquanto que Olorum (Olorun), como se chamava este Deus singular, ficava praticamente atrás do palco, os homens lidavam constantemente com deuses, semideuses, espíritos ligados à natureza, espíritos de ancestrais. Antigamente, antes de sua morte, lidavam com importantes chefes de grandes tribos e inesquecíveis heróis de suas nações. A relação permanente da geração presente com os velhos e avôs, os ancestrais - todos formam uma só família - tem grande importância para os africanos e também para outros povos primitivos, na Ásia, nas ilhas do Pacífico e nas Américas.

Os pais ou patriarcas têm um papel importantfssimo no processo do nation-building, da formação da nação, como, aliás, se nota na história do povo de Israel: Abraão, Isaac e Jacó. O Deus de Abraão, Isaac e Jacó é um Deus familiar, Deus supremo de uma religião tribal.

Veneravam-se antepassados, fundadores de tribos, heróis, reis e caciques, nas culturas mais diversas e, em todas as épocas, entre suas famílias, clãs, tribos, nações e povos. E, com o decorrer dos tempos, a veneração transformou-se gradativamente em divinização. No culto do Candomblé até hoje figuram tais ancestrais, com nomes como Pai Joaquim, Pai Guiné, Pai Velho - os assim chamados pretos velhos.

Entre os bantos, até hoje, pratica-se uma cerimônia que permite aos vivos falarem com seus ancestrais, pedindo a sua bênção, ou também perdão por pecados cometidos contra a ética da nação ou da família. Esgota-se uma bebida, como sacrifício, e começa a conversa em cima dos túmulos. Feito isto, quebra-se uma "cola nut" (noz de cola), jogando as duas partes dela ao chão. A posição em que ficam as partes revela se as preces foram ou nas atendidas. Caindo ambas as metades com o lado da carne da fruta para cima, entende-se que as preces foram atendidas com benevolência.

Na região do Congo, ainda hoje costuma-se dizer que ali os mortos têm mais poder do que os vivos. Ninguém morre de causas naturais, com exceção dos velhos. Sempre se suspeita de poderes invisíveis como causa da morte: feitiçaria, veneno, maldição. Em qualquer parte há feiticeiros e curandeiros. O falecimento de uma pessoa significa sempre uma espécie de psicodrama (Scholl-Latour, Afrikanische Totenklage, München, 2001, p. 31).

Para a maioria das pessoas, os espíritos são simplesmente as almas dos defuntos. Há, porém, também os demônios, que preferem estar em determinados lugares e que têm grande influência sobre os homens na Terra: as estrelas, lagoas e morros, animais, plantas, pedras, luz e fogo, e assim por diante.

Tudo isso, na etnologia ou na ciência das religiões, se classifica no rótulo animismo. Com isso, tentamos explicar que os adeptos de tais crenças acreditam que todo ser da natureza, toda criatura da natureza orgânica, como também tudo que é anorgânico, possui alma, possui espírito.

Convém lembrar: os deuses e semideuses guaranis são meio corporais, meio espirituais, pluriformes, porém sempre materializados. Trata-se, principalmente, de deidades da selva, das águas, dos amores, das plantas e dos animais. Poder-se-ia falar até de deidades ecológicas. Isso não é exagerado se pensarmos no costume do homem da selva de pedir perdão à árvore que precisa cortar, antes de fazer uso do machado.

Pensam os animistas serem necessárias certas práticas, a fim de que estes elementos orgânicos ou anorgânicos se tornem benevolentes e ajudem aos homens em vez de prejudicá-los. Sorte ou má sorte dependem destes poderes espirituais. Precisa-se de determinados rituais e, uma vez que as relações nestas forças parecem múltiplas e difíceis, são necessários feiticeiros e feiticeiras. Aí entra a magia como instituição.

No livro de Egon Schaden (Homem, Cultura e Sociedade no Brasil, Petrópolis, 1972, p.232), há um artigo muito interessante e instrutivo de Protásio Frikel, Traços da Doutrina Gêge e Nagô, sobre a Crença na Alma, que recomendo estudar para maior entrosamento na matéria. Frikel fala, por exemplo, da distinção entre a alma dos vivos alma deste mundo - e a alma dos mortos - alma do outro mundo. Para alguém que provém da cultura cristão-judia-muçulmana, e acostumado a lidar com as respectivas sagradas escrituras - a Bíblia e o Alcorão -, para este, a lógica dialética do animismo parece coisa até plausível. (A idéia paradoxal - especialmente cultivada pelos gnósticos -, que afirma que um vivo pode estar morto, como um morto pode estar vivo, encontramos também no Novo Testamento: Deixa os mortos sepultar seus próprios mortos ... [Mt 8,221 Por que buscais entre os mortos ao que vive? [Lc. 24,51 quem crê em mim, ainda que morra, viverá. Uoão II, 251 Tudo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente [João 11, 261).

Também entre os hebreus os termos alma e vida, e ainda alguns outros, eram quase sinônimos. O que importa é que, na cultura animista africana, os termos são praticamente sinônimos, independentemente do fato de serem aplicados aos vivos ou aos mortos. Êiní significa a alma de um vivo, êcú-ôurum significa a alma durante a vida como também na morte, êcú-ôurum pode significar a alma durante a vida - êiní , porém pode também ser a alma de um defunto; neste caso, trata-se da alma na morte. No momento da morte a alma transita na condição da existência pós-morte, quer dizer, ela entra em outra fase do ser, ou para ser encarnada mais tarde, ou para continuar sendo êgum. Aplica-se o termo êigum ou êgum aos espíritos daqueles mortos que, após a última encarnação, têm se transformado em espíritos de ancestrais (tataravôs). Êgum não pode ser nunca êiní. Êigum ou êgum é o termo para a alma daqueles mortos que já não se encarnarão, ou que não podem ser encarnados novamente. Eles poderiam, na melhor das hipóteses, aparecer como fantasmas.

No mundo do animismo considera-se a alma um ente imortal. Separada do corpo, ela se encontra com outras almas que vivem em povoações abaixo da superficie desta Terra. Há almas boas e más. As más são temidas, tentando-se, de todas maneiras possíveis, manter afastadas sua vingança e maldade. Algumas destas almas separadas conseguem encarnar-se em corpos de animais e - devido ao fenômeno da reencarnação - até em corpos de criancinhas que ora nasceram.

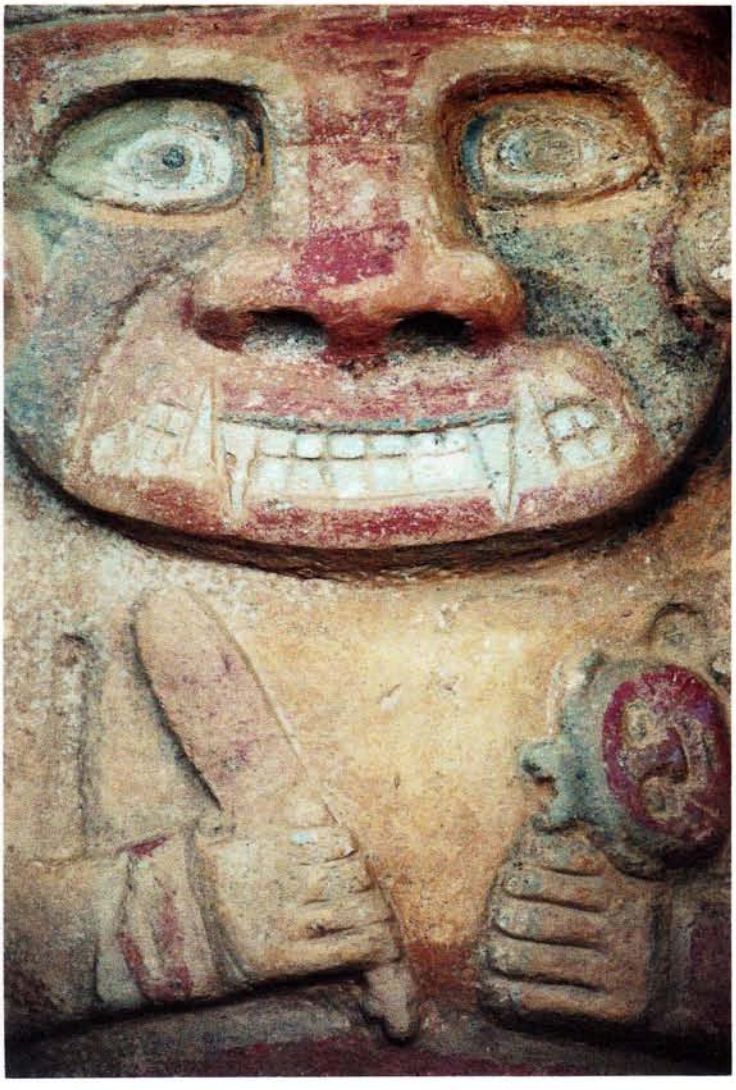
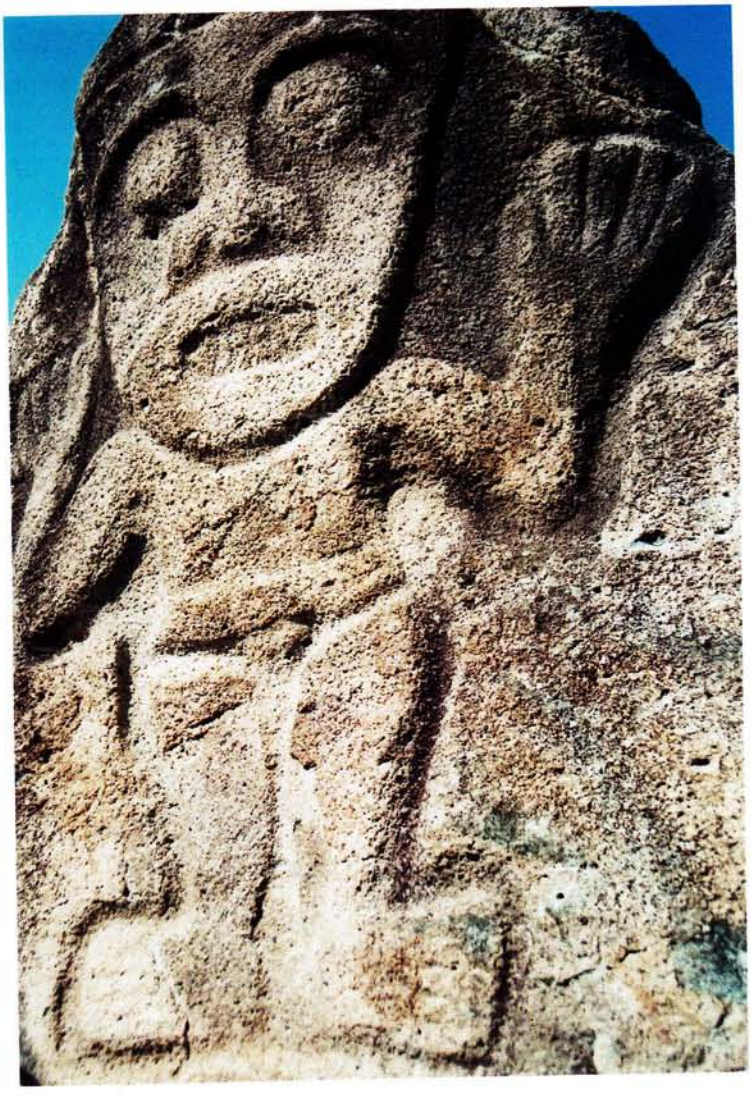
O mundo de tais espíritos é um universo sui generis. Paralelamente à crença em espíritos da natureza e demônios, encontra-se a idéia da existência de espíritos divinizados. Paralelamente a uma espécie de politeísmo há um tipo de polidemonismo. E o homem desta Terra precisa contar com tudo isso, o que significa que, com a ajuda de atos e rituais mágicos, ele precisa conseguir que a vida de sua família e de seu clã possa andar em condições felizes e que fique protegida do poder das forças más que atuam por aí. Os missionários que - desde a época colonial até a Segunda Guerra Mundial - trabalhavam entre os pagãos constataram, com toda razão,

sem dúvida alguma, que os animistas vivem permanentemente sob verdadeiro medo-pagão devido aos maus espíritos em seu redor.

No ano de 1889 uma missão britânica, a Sociedade Missionária para América do Sul, mandou Barbrooke Grubb ao Chaco, no Paraguai, para trabalhar entre os Lengua. Em seus escritos, cuja leitura devia ser obrigatória para todo etnólogo que se preocupa com questões do Paraguai, pois descrevem de maneira inimitável a vida e os costumes dos índios do Chaco, a autora conta, entre outras coisas, como salvou a vida de um nenê de três meses, cuja mãe tinha falecido devido a uma epidemia de gripe. A missionária salvou a criancinha do triste destino de ser sepultada com vida, costume bárbaro que, em tal situação, era praxe entre os índios do Chaco. Quando a mãe, ainda viva, fora retirada de sua maloca e, conforme costume secular, sepultada nesta condição, chegou o pai da menina, acompanhado de alguns companheiros, para buscar a pequenina que estava sendo guardada pela missionária. Esta ainda não conhecia o costume horrível de, ao lado da mãe, enterrar uma criança deixada semi-órfã. Ao perceber de que se tratava, a inglesa perguntou, horrorizada: mas não vão matar a pobre criatura, não é? - Ah, isso não, a mãe se enojaria! É o nosso costume colocar a criança junto da mãe, respondeu o pai. - Como? Viva? gritou a missionária. - Assim que é o nosso costume, disse o pai. Barbrooke Grubb ameaçou com a ira de poderes superiores se cometessem algo tão brutal. A reação dos moradores da aldeia contra a gringa chegou a tornar-se perigosíssima para esta, de modo que o jovem cacique e alguns homens a sua volta começaram a defendê-la: Esta mulher tem de fato poderes extraordinários e escondidos aos moradores da aldeia. Assim, sem dúvida, com a ajuda destes poderes escondidos, ela vai conseguir defender nossa aldeia contra a raiva da mãe, a quem não entregamos sua criança como ela o esperava. Permitiram que a inglesa levasse a menina, mas avisaram que não seria permitido ela permanecer na aldeia durante a noite. Temiam o fantasma da mãe chegar logo para buscar sua filha e vingar-se do trato. A gringa foi obrigada a acampar em algum lugar fora da aldeia. Até se

negaram a dar um pouco de leite de cabra para alimentar a criancinha faminta. A missionária preparou um líquido misturando água e arroz, que dava à menina com uma colher de chá. Durante a marcha pela selva a inglesa roubou cada ovo que encontrou no caminho, pegou uma cabra que andava bem distante de uma casinha e tirou uma latinha de leite. Com água, arroz, ovos e leite de cabra, elaborou uma bebida estranha, mas teve sorte com a sua arte culinária, O nenê agüentou e sobreviveu. Depois de caminhar, assim, por dez dias pelo Chaco, encontraram um posto de uma missão católica-romana, onde cuidaram bem da criança (Grubb, W. Barbrooke, Un Pueblo Desconocido én Tierra Desconocida, Asunción, 1991, p. lO7ss). No livro de Barbrooke Grubb pode-se aprender muita coisa sobre o animismo cultivado entre os Lengua. Acontece que ela chegou a uma região na qual, há meio milênio, já haviam passado europeus e onde os indígenas já tinham sido mais ou menos evangelizados, e foi lá mesmo que ela ainda encontrou uma variante do xamanismo de caráter efetivamente fascinante. Se, nesta região, depois de 500 anos de contato com o homem branco, ainda reinavam costumes tão arcaicos e praxes tão brutais que nem mesmo o catolicismo, absolutamentedominante na colônia, não tinha sido capaz de mudar ou extinguir, podemos imaginar como tem sido muito mais difícil para os indígenas forçadamente tirados de sua terra pátria na África e, como escravos, transportados às Américas, como tem sido muito mais difícil para eles adaptar-se facilmente, e sem problemas, ao mundo dos europeus na América portuguesa e espanhola!

Tirei este ensaio, principalmente, de meu livro Brasilien 500 x - Entdecker und Entdeckte, Brasilianische Trilogie, Índios - Negros - Landlose, Nürnberg 2002, cap. V., Magie und Ahnenkult, Die Genesis des Candomblé-Kultes, p. 315ss. Traduzi esta parte para você, pois que queria chamar a atenção para o fato de não ser necessário que recorramos aos velhos gregos e romanos, pois temos a cultura indígena quase em nosso meio, especialmente lá na região das Missões, no Rio Grande do Sul.

Poderíamos concluir este complexo com algumas belas observações de Johann Gottfried Herder, que encontrei no Herder Lesebuch, Zum 250. Geburtstag, Hrsg. Siegfried Sunnus, Frankfurt, 1994, p. 153:

A religião é a mais antiga e a mais preciosa tradição na Terra. A religião encontra-se até entre os homens que vivem nas mais remotas ilhas e na mais profunda miséria. Mas não é que cada um daqueles selvagens e miseráveis tenha inventado seu culto ao divino como uma teologia natural. Em tudo seguiram a tradição de seus pais. Não havia nada externo que lhes pudesse ter dado um modelo a copiar. Se, talvez, copiaram o anzol, a flecha, o arco e a roupa dos animais, qual teria então sido o animal do qual teriam copiado a religião? Pois a religião não se utiliza de outros meios senão os da razão e da lingua.